



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS-I
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DEFIL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

RIZOMAR CÂNDIDO DA SILVA

**KIERKEGAARD E A TRILOGIA EXISTENCIAL: PRAZER,
RESPONSABILIDADE E FÉ**

CAMPINA GRANDE – PB
2019

RIZOMAR CÂNDIDO DA SILVA

**KIERKEGAARD E A TRILOGIA EXISTENCIAL: PRAZER, RESPONSABILIDADE
E FÉ**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado à coordenação do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Kesting

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586k Silva, Rizomar Candido da.
Kierkegaard e a trilogia existencial [manuscrito] : Prazer, responsabilidade e fé / Rizomar Candido da Silva. - 2019.
17 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Júlio César Kesting ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Estádios da existência. 2. Indivíduo. 3. Prazer. 4. Responsabilidade. 5. Fé. I. Título
21. ed. CDD 198.9

RIZOMAR CÂNDIDO DA SILVA

**KIERKEGAARD E A TRILOGIA EXISTENCIAL: PRAZER, RESPONSABILIDADE
E FÉ**


Trabalho de conclusão de curso (artigo)
apresentado à coordenação do curso de
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em Filosofia.

Aprovação em: 20/11/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Júlio César Kesting (Orientador)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda



Profa. Mestra Marianne Sousa Barbosa

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares pela confiança; aos professores do curso pela paciência; a CAPES e o Programa Residência Pedagógica pelo investimento; a Mesa Examinadora pela à avaliação, DEDICO.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	7
2-O INDIVÍDUO ESTÉTICO.....	8
3-O INDIVÍDUO ÉTICO.....	10
4-O INDIVÍDUO RELIGIOSO.....	12
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
6-REFERÊNCIAS.....	16

KIERKEGAARD E A TRILOGIA EXISTENCIAL: PRAZER, RESPONSABILIDADE E FÉ

RESUMO

Neste artigo de revisão de literatura, abordaremos os três estádios que o indivíduo pode percorrer durante os caminhos de sua vida. Essa trilogia defendida pelo filósofo dinamarquês, Sören Kierkegaard (1813-1855), aborda as questões existenciais tais como, o prazer, a responsabilidade e a fé. Em primeiro lugar, o prazer é vivenciado no estágio estético onde o indivíduo busca a realização e a obediência aos desejos do corpo, dando ênfase à valorização do agora sem a preocupação com o dia seguinte. Em segundo lugar, no estágio ético, o indivíduo faz a opção por um estilo de vida baseado na responsabilidade após ter abandonado o comportamento de promiscuidade ofertado pelo estágio anterior. Agora, o compromisso consigo, com o outro e com às regras morais são características essenciais do indivíduo que escolhe seguir pelo estágio ético. O último estágio, o religioso, o indivíduo dá um salto através da fé, que Kierkegaard define como a última atitude subjetiva. Essa atitude é considerada irracional, uma vez que é um salto para além de qualquer explicação possível, porque a irracionalidade superior está acima do comportamento racional. Para ilustrar o salto da fé, o pensador dinamarquês recorre à passagem bíblica onde Abraão como prova de sua crença em Deus, oferece o sacrifício do seu filho Isaac. Essa atitude de Abraão incorre num paradoxo, uma vez que por um lado, ele será considerado um assassino do filho pelas leis sociais; por outro lado, será considerado um cavaleiro da fé pela sua comprovação da lealdade a Deus. O estágio religioso, segundo Kierkegaard, pode ser visto como uma síntese dialética do estético e do ético; ele combina a vida interior e a exterior, a certeza e a incerteza. Para a elaboração dessa pesquisa, fizemos as consultas a três obras do filósofo Kierkegaard: Diário de um sedutor (1843), O matrimônio (1844) e Temor e tremor (1843). Cada uma dessas obras enfocam nas suas entrelinhas, o enredo de cada situação que envolve a trilogia existencial (prazer, responsabilidade e fé). A contribuição social que a tese dos três estádios kierkegaardiano oferece é a reflexão e possibilidade de escolher o melhor caminho por parte do indivíduo, na busca de uma vida de qualidade e de uma espiritualidade baseada nos princípios da fé.

Palavras-chave: Estádio. Indivíduo. Prazer. Responsabilidade. Fé.

KIERKEGAARD AND THE EXISTENTIAL TRILOGY: PLEASURE, RESPONSIBILITY AND FAITH

ABSTRACT

In this literature review article, we will cover the three stages that the individual can go through during the paths of his life. This trilogy advocated by the Danish philosopher, Sören Kierkegaard (1813-1855), addresses existential issues such as, the pleasure, responsibility and faith. At the first place, pleasure is experience at the aesthetic stage where the individual seeks fulfillment and obedience to the desires of the body. Emphasizing the appreciation of the now without worrying about the next day. At the second place, in the ethical stage the individual chooses a lifestyle based on responsibility after abandoning the promiscuity behavior offered by the previous stages. Now, the commitment to himself, with the other and with the moral rules are essential characteristics of the individual who chooses to follow the ethical stage. The last stage, the religious, the individual, leaps through faith, which Kierkegaard defines as the last

subjective attitude. This attitude considered irrational, once it is a leap beyond any possible explanation, because superior irrationality is above rational behavior. To illustrate the leap of faith, the Danish thinker resorts to the biblical passage where Abraham as proof of his belief in God, offers his son Isaac's sacrifice. This attitude of Abraham occurs in a paradox, once on the one side, he will be considered son killer by social laws, on the other side, will be considered a knight of faith for his proof of loyalty to God. The religious stage, according to Kierkegaard, it can be seen as a dialectical synthesis of the aesthetic and the ethical; It combines inner and outer life, certainty and uncertainty. For the elaboration of this research, we consulted three works of the philosopher Kierkegaard: *Diary of a Seducer* (1843), *The Matrimony* (1844), *fear, and trembling* (1843). Each of these works focuses on their lines, the plot of each situation involving the existential trilogy (pleasure, responsibility and faith). The social contribution that the thesis of the three Kierkegaardian stages offers reflection and the possibility of choosing the best path on the part of the individual, in search a quality life and spirituality based on the principles of faith.

Key words: Stage. Person. Pleasure. Responsibility. Faith.

INTRODUÇÃO

O homem de várias faces. Este é o diagnóstico apresentado pelo filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855), para externar os seus pensamentos através da utilização de pseudônimos dos mais variados possíveis, entre eles, Vigilius Haufnienses que lida com os aspectos psicológicos do pecado e da ansiedade; Costantin Cosntatius que aborda a ética e Anti Climacus que é o cristão ideal. É por intermédio dessa miscelânea de heterônimos que o filósofo dinamarquês vai abordar os problemas existentes na subjetividade humana. É a partir dessa subjetividade que o indivíduo conhece os três estados nos caminhos da vida: a experiência do prazer, a responsabilidade e a fé.

Este artigo tem o propósito de denotar o desenvolvimento desta trilogia kierkegaardiana que ocorre no seio existencial da subjetividade. Durante este processo, o indivíduo está fadado a angustia (no caso de optar pelo prazer), de perceber o sentido do desespero (ao abandonar os prazeres e assumir a atitude de responsabilidade) e, por último, realizar a higienização após ter decidido dar o salto da fé sem que seja necessário o auxílio do uso da razão. No trabalho que será desenvolvido a seguir mostraremos de forma minuciosa cada etapa dos três estados: o estético (o prazer), ético (a responsabilidade) e o religioso (a fé).

O indivíduo que envereda pela trilha do estádio estético do prazer, Kierkegaard denomina de esteta. Esse ao optar pelo citado ponto de vista vive basicamente para si mesmo e para os próprios desejos corpóreos. A vida estética é a de quem se entrega ao hedonismo e ao gozo dos sentidos. É a vida do romântico, que não admite nenhum julgo que dissolve toda realidade em possibilidade e obedece só aos imperativos do prazer, tendo o seu cessar novos desejos (Cf. PACHECO, 2014). Segundo Kierkegaard, o esteta vive poeticamente e da imaginação; é dotado de sensibilidade delicada que lhe permite descobrir na vida o que ela tem de interessante e saber tratar os casos vividos como se fosse obra da imaginação poética num estado de embriaguez intelectual. Esta busca desenfreada pelo prazer por parte do esteta é relatada por Kierkegaard na obra *Diário de um sedutor* (1843), na qual o autor reúne uma série de cartas trocadas entre Johannes e Cordélia. O casal se separa e a culpa é atribuída à moça por tudo de negativo que acontecem entre os dois. Segundo Kierkegaard, essa estratégia de culpar a mulher é o ponto crucial para o sedutor levar vantagem na disputa travada pelo prazer sexual.

Na segunda seção, trataremos do estádio ético. Assim, o indivíduo liga o sinal de alerta após ter abandonado aquela vida promíscua, a qual experimentou quando estava sobre as diretrizes do prazer. Esta reformulação no seu comportamento social e moral são abordadas por Kierkegaard na obra *O matrimônio* (1844). O pensador dinamarquês encontra na figura do bom marido, a referência do homem responsável e cumpridor dos seus deveres impostos pela sociedade. A vida ética exige do indivíduo um definir-se, um transformar-se. Esse pôr-se dentro de um padrão social exige do indivíduo o domínio de si dentro daquilo que a sociedade aceita como sendo correto (Cf. SANTOS, 2017). O desejo do esteta já não convém ao padrão de vida do comum. O matrimônio é a expressão típica do ético e o marido é o protótipo dessa esfera ética e cumpridor do dever, o responsável, dedicado à família e ao trabalho. Segundo Kierkegaard, o estádio ético é caracterizado pelo regramento da vida, pela busca de viver de acordo com a lei moral, pelas leis aceitas pela sociedade. Desta forma, o estádio ético é uma conformação do universal e por isso mesmo é a realização do geral.

Na última seção do nosso trabalho abordaremos o estádio religioso defendido por Kierkegaard na obra *Temor e tremor* (1843). A fé é o fundamento superior e necessário na vida do indivíduo. Nesta obra, o filósofo examina a noção de fé, definida como um ato subjetivo. É um ato irracional – um *salto* para além da justificação possível. Na vida ética, com a sua noção de autocriação e escolha responsável, o indivíduo é incapaz de acomodar

plenamente o salto da fé. A *irracionalidade superior* (ato do cavaleiro da fé) está além do ético, o qual requer um comportamento racional (Cf. STRATHERN, 1999). Para explicar o fenômeno da fé, Kierkegaard recorre a passagem bíblica do Velho Testamento onde narra o exemplo de Abraão, que sacrifica o seu filho Isaac, como prova de temor a Deus e como garantia que se está realizando o salto da fé. Essa atitude de Abraão segundo o pensador dinamarquês surpreende o homem natural. Com isso, há um paradoxo no agir da fé, onde por um lado, visto pelos olhos da crença, realiza-se a intimidade do eu diante do Absoluto e por outro lado, visto pelo o homem sem fé, culmina no absurdo, no escândalo, no incompreensível. O que ocorre na ação do *cavaleiro da fé* é que se admite a suspensão do agir ético em prol do télos religioso que é a expressão da vontade de Deus, superior a vontade humana. Segundo Kierkegaard, para garantir o alcance definitivo do estágio religioso, a pessoa necessita se comprometer com a própria fé e nunca duvidar ou retornar ao ponto de partida, no caso, o estágio estético. Contudo, o estágio religioso não pode ser alcançado por nenhuma certeza ou justificação racional, mas sim pelo salto da fé, em que o indivíduo escolhe focar sua subjetividade diante do absoluto, através do encontro solitário com Deus.

A metodologia utilizada nas três seções desenvolvidas seguiu às normas da pesquisa bibliográfica das fontes primárias, procurando identificar a filosofia de Kierkegaard, da forma como se encontrava em suas obras: *O diário de um sedutor*, *Temor e tremor* e *O matrimônio*, traduzidas para o idioma português por Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro (*Os pensadores*) assim como também, foram utilizadas as fontes secundárias como instrumentos de apoio ao texto.

O INDIVÍDUO ESTÉTICO

O indivíduo kiekegaardiano no estágio estético visa à valorização do instante na busca de forma desenfreada, tirar proveito daquilo que alimenta a vontade do corpo. O caçador de sensações direciona o seu foco sempre nas coisas que possa converter seus atos numa garantia da prática do prazer, sem a preocupação no dia seguinte.

A busca constante pela hegemonia do prazer faz do esteta, um indivíduo que valoriza o instante como se fosse a última cartada de sua vida. Ao optar pelo ponto de vista estético vive basicamente para si mesmo e para o próprio prazer. Sua vida pode ser contraditória, carente de estabilidade e certeza. A inadequação do ponto de vista estético é fundamental, porque ele se apoia no mundo externo, isto é, espera tudo de fora. Dessa forma, é passivo e carente de liberdade; acosta-se em coisas que estão, em última instância, além do controle da sua vontade, como o poder, as posses ou mesmo a amizade. É contingente, dependente do acidental (Cf. STRATHERN, 1999, p. 46-48).

A vida estética é a de quem se entrega ao hedonismo e ao gozo dos sentidos. É a vida do romântico, que não admite nenhum julgo que dissolve toda realidade em possibilidade e obedece só aos imperativos do prazer, tendo seu cessar novos desejos. O esteta é pura espontaneidade, a vida é sensação, sobretudo na linha do prazer sensual e do erotismo. A reflexão em torno desta vida está encerrada no ideal do prazer sensível e nos valores da finitude e da temporalidade (Cf. PACHECO, 2014, p. 147).

Nessa condição, o esteta se vê guiado pelo desejo, porque o que está em jogo é a harmonia com o apetite sexual, rejeitando qualquer atividade que exija responsabilidade. O apego é com o que pode ser considerado superficial e finito como uma roda de pagode, um partida de futebol nos campos de várzea com os amigos nos finais de semana, admirar uma beleza corporal e tudo aquilo que não se faça necessário à construção de um pensamento reflexivo. Tudo é feito em nome de um inacabável lazer.

Movido pelo desejo o esteta, em sua vida estética, tem uma relação com a busca da satisfação dos seus sentidos. Vive-se o momento sem nenhuma reflexão sobre si, sua situação,

sobre o futuro, o indivíduo não pensa nas responsabilidades de suas ações, o que lhe apraz é a vida dos prazeres e sua intensidade (Cf. SANTOS, 2017, p. 103).

Essa finitude leva o esteta ao encontro do prazer imediato, determinado pelas possibilidades ofertadas pelo mundo externo, isto é, bom é aquilo que é belo, simpático e agradável. A partir desse ponto de vista, tal pessoa vive inteiramente no mundo dos sentidos, pois negativo é tudo aquilo que lhe aborrece, que não é legal e que pode colocar os seus desejos em risco.

Essa intensidade pelo prazer Kierkegaard externa por intermédio do personagem Johannes na obra *O diário de um sedutor*:

Eu sou um esteta, um erótico, que aprendeu a natureza do amor, sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reserve a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando se alcançam os últimos favores. Sei tudo isso, mas sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima (KIERKEGAARD, 1979, p. 51).

Esse mar sem fundo dos prazeres é, segundo Kierkegaard, o cenário típico do romântico que tem uma relação estreita e lúdica com a realidade, ou seja, está atrelado a uma prova inequívoca de que o seu foco no instante, é algo que vai garantir a permanência nos dotes da paixão e no ritmo acelerado em direção ao caminho dos prazeres mundanos.

Contudo, só quem passou e vivenciou a vida estética como Kierkegaard, conhece o amargo que este estágio proporciona. Quem transcorreu por esta etapa, é capaz de testemunhar o gosto amargo de uma vida, um descontentamento por assim dizer com relação ao mesmo. Kierkegaard deixou entopercer-se pela embriaguez lúcida da vida estética, sujeito a sensações, fascinado pelo exagero, pela inversão das categorias paternas. Kierkegaard fala desses anos como do *caminho da perdição*. Ele frequentava então os banquetes, as barulhentas recepções onde, com seus espinhos brilhantes, se impunha à admiração dos companheiros de prazeres, mas voltava para casa muitas vezes bêbado e completamente desesperado, faz referência a decepção que sofreu depois de sondado o mar sem fundo dos prazeres (Cf. FARAGO, 2006, p.33).

O esteta ao lançar-se à prova dos prazeres ofertados pela sedução do instante submete-se a duas situações distintas. Por um lado, é dotado de sensibilidade delicada que lhe permite descobrir na vida o que ela tem de interessante e trata os casos vividos como se fosse obra da imaginação poética, isto é, um estado de embriaguez intelectual. Por outro lado, a vida estética revela, no indivíduo, uma insuficiência de sentido após ter refletido sobre a sua existência; logo, percebe que lhe faltam certeza e significado, levando-o conseqüentemente ao desespero.

Quem vive no estágio estético vive o instante e sempre procura o prazer. O que é bom, o que é belo, plástico ou agradável. Visto assim, alguém que viva nessas condições está preso ao mundo dos sentidos. O esteta fica a mercê dos seus próprios prazeres e sensações. Tudo que o aborrece ou lhe *enche o saco*, é para ele negativo. O romântico típico é também um típico esteta. Alguém que tenha uma relação lúdica com a realidade, com a arte ou com a filosofia com que porventura trabalhe, vive num estágio estético. Mesmo diante da dor e do sofrimento pode-se sempre ter uma abordagem estética, ou *distanciada*. Para o esteta, a vaidade sempre assumirá o comando da situação (GAARDER, 2019, p. 413-414).

O esteta abomina a monotonia, mas dado que o instante é sempre, por definição fugaz, chega logo ao tédio e ao desespero. Quem quer que viva esteticamente está desesperado, quer o saiba ou não, e o desespero é a única saída da vida estética. O desespero é sempre uma

escolha, porque se pode duvidar sem escolher duvidar, mas não se pode desesperar sem que se escolha. Só o desespero desvia o homem daquilo que é accidental; somente desesperando o indivíduo retorna a si mesmo na própria validade eterna (Cf. NICOLA, 2005, p. 383).

O INDIVÍDUO ÉTICO

O indivíduo ao reconhecer e assumir que o estágio estético pode levá-lo ao desespero através da busca descontrolada pelos prazeres que a vida lhe oferece, tem a oportunidade de rever o seu comportamento e optar por um novo estilo, retirando-o daquele círculo vicioso abominado pela sociedade. Este novo estilo é o estágio ético, que é caracterizado pelo regramento da vida, pela busca de um viver segundo as leis morais aceitas pelos padrões sociais da disciplina. Se no estágio estético o indivíduo vive apenas no instante como o sedutor, no ético, ele envereda pela temporalidade das regras morais como o bom esposo. No estágio ético, pode vislumbrar uma continuidade existencial ao lado de uma mulher e sua família, realizando assim o ideal exigido pela sociedade.

Do fracasso de uma abordagem estética da existência nasce, por meio do desespero, a possibilidade de uma vida ética. Assim como a primeira é representada pela figura do sedutor, a segunda concretiza-se na figura do bom marido. Ético é aquele que escolhe quem deseja ser e se impõe a disciplina necessária para tanto. Ético é quem é fiel, observa as leis e respeita os compromissos familiares, sociais e políticos. Mas nem mesmo tal escolha de vida é capaz de realizar plenamente o indivíduo, isso pode se dá somente por meio da eliminação dos problemas fundamentais da existência, que continuam sem resposta numa vida ética (Cf. NICOLA, 2005, p. 384).

A vida ética exige do indivíduo um definir-se, um transformar-se. Esse pôr-se dentro de um padrão social exige do indivíduo o domínio de si dentro daquilo que a sociedade aceita como sendo correto. O desejo do esteta já não convém ao padrão de vida do comum. E para mostrar a face de um estético, do mesmo modo que, há a figura do sedutor para o esteta, para Kierkegaard, o marido é a figura do homem ético. O matrimônio é a expressão típica do ético. Enquanto concepção estética do amor, duas pessoas excepcionais só podem ser felizes por força de excepcionalidade, na concepção ética do matrimônio todos os esposos podem ser felizes (Cf. SANTOS, 2017, p. 104).

No estágio ético, por intermédio do casamento o homem não é apenas responsável por si mesmo, mas o é também por outro e diante do outro. Neste sentido, a família promove a superação do egocentrismo e da prisão narcisista do esteta. Com efeito, implica a necessidade do relacionamento e da importância de outrem como um fim e não como resultado de um capricho, de uma *experiência sem o amanhã* ou o relato de um instante. Contudo, é através do amor conjugal que a vida deve ser valorizada como permanência do envolvimento acalorado entre o casal, numa atitude ética que mantenha o mesmo desempenho da primeira vez.

Imagina um homem que se casou sem tomar consciência da função ética que comporta o matrimônio. Ama com toda a paixão da juventude, porém, de repente, uma causa exterior o coloca na dúvida: pergunta-se se aquela a quem ama, e a quem está unido pelo vínculo do dever, não poderá acreditar que ele a ame unicamente por dever (KIERKEGAARD, 1994, p. 120).

Segundo Kierkegaard, o estágio ético não é de forma alguma tranquilizador. Mesmo o homem mais sério eventualmente se cansará de tanto zelo e dedicação. Muitas pessoas podem ter essa reação de fadiga quando envelhecem. Alguns podem retornar à vida lúdica do estágio estético. Mas alguns dão um novo salto para o estágio religioso. Eles ousam dar o salto rumo

às *setenta mil braças d'água* da fé. Escolhem a fé em vez do prazer sensorial e do dever ético (GAARDER, 2019, p. 415).

A vida ética, segundo Kierkegaard, surge da escolha por uma estabilidade que no estético é abandonado para dar vazão ao desejo incessante em prol da variedade. Pelo estágio ético o indivíduo tem o domínio de si, de sua reafirmação do dever e da fidelidade a si próprio. Ele domina as suas vontades, isto é, tem o controle de sua liberdade; escolhe a forma de homem que quer ser.

O estágio ético é um modo de vida essencialmente novo. É diferente do estético, que perseguia as sensações e só buscava o gozo nelas. O homem ético, por sua vez, é que põe a moral como princípio e fim de sua conduta e atividade. Propõe-se antes de tudo, a obedecer ao dever. O eu que faz uma eleição absoluta significa a intensidade subjetiva e o caráter incondicional da eleição moral, que elege e realiza a natureza ideal do indivíduo humano, para aperfeiçoar sua natureza de acordo com a lei moral (Cf. PACHECO, 2014, p. 151).

O estágio ético é instalado na categoria geral. Trata-se de fazer o que todo mundo pode fazer. Quando o homem ético tem cumprido seus deveres e realizou suas tarefas, então o indivíduo se traduz no geral, que chegou a ser o homem geral. Assim se realiza a unidade moral dos indivíduos, os quais são diferentes uns dos outros, mas estão submetidos aos mesmos deveres. Assim, se compreende a ética social como conformidade perfeita as leis que regem os costumes que podem parecer como um princípio constante de conduta e da vida. O matrimônio deve-se então considerar como o meio mais favorável da moralidade (Cf. PACHECO, p. 152).

Segundo Farago (2006, p. 124), o estágio ético caracteriza-se pelo espírito de seriedade. Superior ao estágio estético, lhe salva os valores positivos que o esteta não era capaz de honrar na harmonia e na duração, integrando-os em uma vida equilibrada. O homem, quando põe ordem na vida, regula-a pela lei moral, a universalidade da regra kantiana.

A aceitação das regras morais por parte do homem ético, aquele responsável pela estabilidade do matrimônio, faz com que ele se comprometa concretamente por uma existência séria e respeitosa, de tal forma que valorize os compromissos que lhe são atribuídos, tais como: não faltar ao trabalho, conservar as amizades, seguir às leis, construir família e, principalmente, lutar pela manutenção de um bom casamento. Esses compromissos orientam o indivíduo para seguir o caminho da vida pelo viés da ética, que, por conseguinte, vai inseri-lo na categoria do geral.

No estágio ético, ultrapassa-se o devaneio permanente. O indivíduo opta, deliberadamente, pelo sério da existência, toma partido pelo compromisso e não pelo puro egoísmo. Responsabilidade e dever são as dimensões fundamentais deste estágio onde a vida se conforma com as normas sociais gerais. Todavia, para Kierkegaard, este estágio não possibilita ainda uma vida verdadeiramente singular, afastada da comunidade (Cf. ARAÚJO, 2014, p.80).

Viver eticamente não significa, para Kierkegaard, ato de escolha ou eleição; ao contrário, escolher o querer é o ato de autoafirmação. Tal ato da vontade põe em movimento do indivíduo singular e da história, perpassando pelo modo ético. A possibilidade de escolher ou *querer escolher* difere do ato de escolher algo em detrimento do outro, pois transforma a escolha individual em algo único e singular (Cf. MARTINS, 2011, p. 51).

Quando o homem ético se realiza no geral, se incorpora às regras sociais e adquire uma personalidade própria assimilando as normas externas. A partir disto, ele submete-se ao último momento do estágio ético que é o arrependimento; sofrimento que surge como consequência da análise que o ético realiza na sua própria vida, isto é, da subjetividade que o pode impulsionar para o estágio religioso.

O indivíduo ético busca conhecer a si mesmo e tenta transformar-se em algo melhor; ele busca tornar-se um *eu ideal*. Não é claro porque precisamente escolheria fazer isso, a não

ser que aceitamos que ao se conhecer ele está fadado a se iluminar e, assim, a pretender uma vida “mais elevada” no que diz respeito a um conjunto de padrões éticos (Cf. STRATHERN, 1999, p. 52-53).

Kierkegaard via no estágio ético um caminho quase perfeito, não fosse à ameaça de um fracasso, anunciado pela necessidade de se garantir a paixão incondicional pelo instinto no esquecimento de uma *vida moral* e sem riscos. Para ele, o ético se encerrava em um modo de viver insoso que impedia uma vida de plenitude espiritual. Percebe-se assim, que o indivíduo ético por si só não realiza todo o propósito de seu ser composto de forma dicotômica, falta-lhe o infinito, aquilo que o faz transcender a sua ou a outra parte. Faltando-lhe seu eterno, o homem aí também se vê em estado de desespero. Porém, há uma passiva realização, uma saída para esse desespero ético. Assim é no estágio religioso que o indivíduo “realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação” (FARAGO, 2006, p. 126).

O INDIVÍDUO RELIGIOSO

Na obra *Temor e tremor (1843)*, Kierkegaard aborda a noção de fé onde a define como a última atitude subjetiva. Essa atitude é irracional, ou seja, é um *salto* para além de qualquer explicação possível. Por meio do estágio ético em seu conceito de autocriação e escolha responsável, é insuficiente para acomodar plenamente o salto da fé, porque a irracionalidade superior está acima do comportamento racional. Contudo, o indivíduo tem plena consciência de que não é mais força e razão, e que o que passa a contar é a entrega total de um firmamento das coisas que não se vê: a fé.

A vida ética, com a sua noção de autocriação e escolha responsável, é incapaz de acomodar plenamente o salto da fé. Essa *irracionalidade superior* está além do ético, que requer um comportamento racional. A fé liga o indivíduo, a algo superior, que é a própria essência de tudo quanto é ético. O religioso segundo Kierkegaard pode ser visto como uma síntese dialética do estético e do ético. Ele combina a vida interior e a exterior, a certeza e a incerteza; o salto da fé estende-se para além de toda certeza (Cf. STRATHERN, 1999, p. 55).

O exemplo bíblico do sacrifício de Isaac por parte do seu pai Abraão é usado por Kierkegaard para ilustrar a ideia de que o salto para a fé comporta a superação da moral corrente, impõe comportamentos que nunca poderiam tornar-se normas universais e, logo, não podiam ser ditos éticos em sentido kantiano. Pela lei do mundo, Abraão é o assassino do seu filho, mas a sua grandeza em ter obedecido à ordem divina imediatamente em silêncio, sem discutir nem pensar. Só isso significa ter fé e não, com certeza, pensar que Deus também deveria seguir as leis desse mundo. É claro que se pode interpretar o ato de Abraão como uma forma de supremo egoísmo, pois é para a salvação da sua alma que ele aceita sacrificar o filho. Kierkegaard não nega que no homem de fé, aquele que coloca a salvação da própria alma acima de qualquer outra coisa, está presente um componente psicológico egoístico; afirma, porém, que na fé o máximo amor de si mesmo convive com o máximo temor do outro (ou seja, Deus). É um paradoxo, mas a fé é exatamente isso, um paradoxo (Cf. NICOLA, 2005, p. 387-388).

Muitos pais, ao perder seu filho, julgaram ficar sem o mais precioso tesouro do mundo e despojado de toda a esperança futura; mas nenhum foi o filho da promessa no sentido em que Isaac o foi para Abraão. Muitos perderam os filhos; mas perderam-nos pela mão de Deus, pela insondável e imutável vontade do todo poderoso. Outro é o caso de Abraão. Prova mais dura lhe estava reservada: a sorte de Isaac encontrava-se na sua mão ao empunhar a faca. Tal era a situação do ancião diante da sua única esperança! Mas ele jamais duvidou, não relanceou o olhar angustiado à direita e à esquerda, não importunou o céu com súplicas. Sabia que o todo poderoso o punha à prova, sabia que este era o sacrifício mais duro que se lhe

podia exigir, mas sabia também que nenhum sacrifício é demasiadamente pesado quando Deus o pede – por isso puxou a faca (KIERKEGAARD, 1979, p. 121).

As atitudes de Abraão, também chamado de *cavaleiro da fé* por Kierkegaard, suspende o homem natural. Há um paradoxo no agir da fé, onde por um lado, visto pelos seus olhos da crença realiza-se a intimidade do eu diante do absoluto e de outro visto pelo homem sem fé culmina no absurdo, no escândalo, no incompreensível. O que ocorre é que no “cavaleiro da fé,” admite-se a suspensão do agir ético em vista do telos moral religioso que é expressão da vontade de Deus, superior a vontade humana (Cf. SANTOS, 2017, p. 108).

Neste sentido, Kierkegaard está lidando com um diálogo da alma e não de um ato público, uma vez que Abraão e Isaac estão como elementos distintos da mesma pessoa. Para tanto, o sacrifício é necessário se e somente se, é desejado alcançar algo. Esse sacrifício é geralmente irracional e pode assim, contradizer a noção anterior de certo ou errado.

Segundo Marcondes (2007, p. 248), Abraão ao sacrificar seu filho está disposto a dar o *salto da fé* que leva da atividade ética à religiosa. Não busca entender a ordem de Deus, não pede razões, mas simplesmente obedece cegamente a algo que está além de seu entendimento, porque tem fé. Nossa angústia resulta do reconhecimento da finitude e da morte, bem como do *silêncio de Deus*, da impossibilidade de sabermos se nos salvaremos. A fé, ela própria, não nos dá garantias, porque Deus não nos responde.

Subjetivamente, muitas vezes descobrimos nosso propósito na vida através de um salto irracional da fé que pouco ou nada tem a ver com o ético. Kierkegaard relaciona isso ao religioso. Mas é também o modo como qualquer pessoa dá à sua vida um propósito absoluto ao *acreditar em si mesma* como qualquer coisa, seja um artista ou um primeiro-ministro, ou um comediante de destaque. Como colocou Kierkegaard, “a vida de um poeta começa em conflito com toda a existência” (KIERKEGAARD, 1979, p. 58).

A noção de certo ou errado ocorre no inaudito paradoxo que é submetido Abraão, ao receber a missão de sacrificar o seu filho Isaac como comprovação da fé em Deus. Por um lado, Abraão é submetido aos tribunais da ética após ter ensaiado o assassinato do filho. Por outro lado, o sacrifício de Isaac é uma prova autêntica da obediência e agrado a Deus, isto é, numa atitude de fé onde qualquer raciocínio não pode dominar.

[...] a história de Abraão comporta uma suspensão teleológica da moral. Como indivíduo, superou o geral. Tal é o paradoxo que se recusa à mediação. Não se pode explicar nem como aí permanece. Se não é este o caso de Abraão, nem se quer alcança ser herói trágico, é um assassino. E então é tolice persistir em chamá-lo o pai da fé, e conversar a seu respeito com pessoas desejosas de ouvir mais do que palavras. O homem pode chegar a ser um herói trágico, pelas suas forças, mas não um cavaleiro da fé. Quando um homem se embrenha no caminho, penoso em um sentido, do herói trágico, muitos devem estar em condições de aconselhá-lo; mas aquele que se segue a estreita senda da fé, ninguém o pode compreender. A fé é um milagre; no entanto ninguém dela está excluído; porque é na paixão que toda a vida humana encontra a sua unidade, e a fé é uma paixão (KIERKEGAARD, 1979, p. 149).

Segundo Nicola (2005, p. 388), Kierkegaard se propõe a extrair da história de Abraão, sob forma de problema, a sua dialética; para ver a fé como inaudito paradoxo, paradoxo capaz de transformar um delito em um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que nenhum raciocínio pode dominar, porque a fé começa exatamente lá, onde a razão termina.

Kierkegaard deixa claro seu posicionamento referente ao agir ético como pertencente ao domínio da razão, em que se escolhe pelo o que o pensamento diz ser o mais correto, no

que é justo, melhor visto pela sociedade, acabando por ser um dever e não uma escolha pura e pessoal, o que é um dever. No entanto, a fé entra como contradição ocasionando a suspensão dos costumes morais comumente aceitos socialmente (Cf. SANTOS, 2007, p. 108).

É justamente esta nova categoria do paradoxo da fé que vai retirar Abraão do curso da história como acusado de querer assassinar o filho, para ser coroado como o pai dos crentes. Com isso, essa categoria torna-se uma relação privada do homem com Deus em virtude da fé. Com efeito, é a fé esse paradoxo segundo o qual o indivíduo encontra-se acima do geral, isto é, consiste na sua superioridade em relação ao geral. Dessa forma, o paradoxo da fé perde a instância intermediária, nesse caso, o geral.

Para Kierkegaard (1979, p.125), se a fé não pode significar a intenção de matar o filho, Abraão cai sobalçada dum juízo aplicável a todo mundo. Se não há coragem para ir até o fim do pensamento e dizer que Abraão é assassino, mas vale adquiri-la primeiro do que perder o tempo em imerecidos panegíricos. Sob o ponto de vista moral, a conduta de Abraão exprime-se dizendo quem quis matar Isaac é sob o ponto de vista religioso, quem pretendeu sacrificá-lo. Nessa contradição, reside a angústia que nos conduz a insônia e sem a qual, entretanto, Abraão não é o homem que é. Sendo assim,

Do ponto de vista moral, a situação de Abraão para com Isaac, simplifica-se, dizendo que o pai deve amar o filho mais do que a si próprio. No entanto, a moralidade comporta dentro da sua esfera diversos graus; trata-se de saber se encontramos nesta história uma expressão superior da moralidade capaz de explicar, moralmente, a conduta de Abraão e de autorizá-lo moralmente a suspender o seu dever moral para com o filho sem, no entanto, sair da teleologia deste domínio (KIERKEGAARD, 1994, p. 143).

Por fim, Kierkegaard afirma que um estágio não aniquila o outro, mas o transfigura, quer dizer, o homem deixa de sentir, de ter paixões a partir do estágio ético, ou passa a ser somente infinito por intermédio do salto religioso. A diferença ocorre quando cada ascensão de estágio, o homem percebe que realmente é merecedor de maior ou menor valor e compreende que nada poderá satisfazer a sua fome de infinito, a não ser o próprio infinito. Desta forma, nada de infinito, nem mesmo o mundo inteiro pode satisfazer a alma de um homem que tem o desejo e a necessidade de eterno. Nessa síntese, a estética autorizava e exigia mesmo do indivíduo, o silêncio quando, ao calar-se, pode salvar alguém. Isto mostra que já que Abraão não se encontrava no domínio estético, não mantém o silêncio para salvar Isaac, e, além disso, toda a sua missão, que é a de sacrificar por Deus e por si próprio, é um escândalo para a estética; porque ela admite que se sacrifique, mas não que sacrifique um outro por mim próprio. O herói estético manter-se-ia silencioso. No entanto, a ética condena-o, porque se calou em virtude do seu caráter acidental de indivíduo. Foi a sua previsão humana que determinou o silêncio; eis o que a ética não pode perdoar, porque todo o saber humano deste gênero não passa de ilusão; a ética exige um movimento infinito, requer a manifestação. O herói estético pode, portanto falar, mas recusa-se a fazê-lo (KIERKEGAARD, 1979, 178).

Kierkegaard admite que o estágio religioso é o maior de todos. Somente o religioso é capaz de realizar no indivíduo um verdadeiro plano espiritual, levando a cada um e de modo particular, reconhecer a sua limitação espiritual. O filósofo aponta os estágios como pertencentes a uma mesma categoria existencial, porém, o estado religioso é o que fica definitivo na vida do indivíduo, ou seja, é o estágio em que o homem não vive a mercê de sua vontade, nem das vontades estéticas nem tampouco é regido pelas leis éticas, mas tem sua vontade identificada com a do Absoluto. Deste modo, o estágio religioso é o modo de vida em que o indivíduo se comunica com o *único*, isto é, tal comunicação é a contemplação suprema

do homem diante de Deus, ao Absoluto. Segundo o dinamarquês, a vida religiosa torna-se a mais difícil, mas entende que fez a escolha certa, mesmo sabendo que esse estilo de vida é marcado pela solidão e pelo olhar atento de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo Sören Kierkegaard (1813-1855) considerado o *Pai do Existencialismo* e estudioso das ações que envolvem a subjetividade, enumera três estádios nos caminhos da vida, onde o indivíduo passa pelo clivo da possibilidade de escolha e, em seguida, abraça o tipo de comportamento que melhor se adéqua a sua vivência cotidiana. Observemos bem para o tipo ou a qualidade da escolha que o indivíduo pode fazer, isto é, que padrão de vida quer seguir.

Se a opção é pelo estádio estético, segundo Kierkegaard, o indivíduo valoriza o instante e busca a hegemonia do prazer ao se entregar ao hedonismo e ao gozo dos sentidos. Desta forma, a satisfação pelos prazeres terrenos sobrepõe qualquer julgamento ético ou moral; o que lhe interessa é a realização dos desejos regidos pela vontade do corpo porque a vida se restringe à valorização do agora sem levar em consideração o por vir. Nesse estádio, a palavra de ordem é o prazer, uma vez que a responsabilidade não tem respaldo pelo fato do esteta estar submerso à prática desenfreada dos prazeres mundanos.

Se a tendência for enveredar por um tipo de comportamento que exija responsabilidade, o indivíduo faz a escolha por um padrão de vida encoberto pelos dotes da ética e da moralidade social. Esse outro estádio é o ético, onde a pessoa assume uma postura que renuncia a toda conduta promíscua praticada no estádio anterior, ou seja, no estético. A partir de então, por meio dessa escolha ética e consciente, o indivíduo ético é aquele que vai responder pelos os seus compromissos e ser um cumpridor do regramento social, assim como também, aquele que valoriza à instituição familiar. Para Kierkegaard, esse exemplo de pessoa ética, encontra-se na figura do marido fiel ou do pai de família responsável. Nesse estádio, o filósofo se restringe apenas a exemplificar esse tipo de indivíduo (o marido fiel) como ser responsável. Na verdade, o ato de responsabilidade, acreditamos, pode ser atribuído a qualquer situação ou ação comportamental que envolva um bom profissional ou um anônimo, não necessariamente tem que ser o protótipo do marido fiel. O ético, como defende Kierkegaard, é uma preparação para entrar no estádio último, ou seja, o religioso.

Nesse último estádio, o religioso, que é o maior de todos na escala existencial, o indivíduo realiza o processo de comunicação e contemplação com o absoluto. Segundo Kierkegaard, ao tomar essa decisão, o homem dá um salto através da fé, após ter reconhecido a sua limitação frente ao finito e a sua possibilidade de aproximação com o infinito sem a interferência da razão. O pensador é enfático ao assumir o salto da fé como ponto paradoxal da existência. Esse paradoxo é narrado acentuadamente pelo exemplo bíblico de Abraão que oferece o sacrifício de seu filho Isaac, como prova incontestada de sua fé em Deus. Essa escolha pelo estádio religioso é a que fica definitiva na vida do homem, dando uma garantia de que as amarras que o prendiam junto ao gozo dos prazeres terrenos serão quebradas, e que a postura ética pertencente ao geral não será suficiente para garantir o acesso ao estádio superior e último que é o religioso. Contudo, somente a fé é esse firmamento que leva a pessoa à purificação e à relação privada com Deus.

Essa trilogia existencial defendida por Kierkegaard, isto é, os três estádios nos caminhos da vida: estético, ético e religioso, não deixa claro em que fase da vida o indivíduo deve fazer a sua escolha; que seja pela prática incessante do prazer, quer seja por assumir uma postura responsável baseada na ética, ou pela opção pelo estádio estruturado numa crença irracional da fé. Mesmo o filósofo ter declarado que vivenciou todas essas fases, não detalha em qual desses momentos teve uma angústia maior ou menor ou qual foi à temporalidade consumida

em cada estágio vivenciado. Ele garante que o caminho que retira o indivíduo do desespero sentido na continuidade da vida estética é a sua passagem e conversão para o estágio religioso, como o último ponto crucial na subjetividade humana.

O que se pode concluir nesses escritos de Kierkegaard, é que a partir do estágio ético, onde a pessoa assume uma postura de responsabilidade (diferente do que ocorre no estágio estético onde prevalece a busca pelo prazer instantâneo), passa a ocorrer a preparação do processo de “higienização” que vai realizar em consonância com as suas atitudes frente à sua existência. Essa “higienização” vai atingir o seu ápice, quando o indivíduo chega ao estágio religioso pelos trâmites do salto da fé, o purificando de todas as mazelas adquiridas no decorrer de sua existência. É no estágio religioso que se realiza uma verdadeira faxina, ou seja, uma “higienização” no campo material e o prepara para um novo estilo de vida, finalizado com a formação da categoria do espírito e a síntese no Absoluto.

Por fim, o que esta pesquisa pode oferecer por intermédio do pensamento kierkegaardiano, é a escolha pelo estágio religioso, responsável por proporcionar a quem faz essa opção, um padrão de vida próximo da excelência, isto é, o retirando de qualquer possibilidade de enveredar pelos trilhos dos prazeres mundanos, porque só o religioso fica definitivo na vida de quem adere a esse estágio. Por conseguinte, quem decide prosseguir por esse caminho, tem a oportunidade de fazer uma reestruturação no campo espiritual. Como afirma Kierkegaard, a vida religiosa é a mais difícil, mas quem a escolhe faz a aposta certa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luís de. Kierkegaard – Prelúdio ao existencialismo. **Revista da Faculdade de Letras do Porto**. Porto. n. 31, p. 80. 2014.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: Romance da história da Filosofia. Trad. Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Seguinte, 2019.

KIERKEGAARD, Sören. **Diário de um sedutor**. In: Os pensadores. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Sören. **O matrimônio**. Campinas: Editorial PSV II, 1994.

KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. In: Os pensadores. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARTINS, Jasson da Silva. O princípio da vida ética em Kierkegaard. **Revista Intuito**. Porto Alegre. v. 4, n. 2, p. 51. 2011.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia Ilustrada de Filosofia**. Trad. Marguerita de Luca. São Paulo: Globo Livros, 2005.

PACHECO, Márcio de Lima. A suspensão ética e a imparidade do indivíduo. **Clareira - Revista de Filosofia da Região Amazônica**. Manaus. v.1, p. 147-151. 2014.

SANTOS, Rômulo Gomes dos. Reflexão sobre os estádios existenciais em Sören Kierkegaard. **Guaricá – Revista de Filosofia**. Paraná. n.1, p. 103-108. 2017.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.